

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ**

**SETOR PALOTINA**

**CURSO DE MEDICINA VETERINÁRIA**

**TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO**

**RELATÓRIO DE ATIVIDADES**

**DO ESTÁGIO SUPERVISIONADO OBRIGATÓRIO**

**Área: Clínica Médica de Pequenos Animais**

Aluna: Carla Christina Barretto Bombonati

Orientadora: Prof<sup>ª</sup>. Estela Dall’Agnol Gianezini

Supervisores: Prof<sup>ª</sup>. Dr<sup>ª</sup>. Cláudia Bonini

MV. Msc. Felipe Braz de Siqueira Cardoso

**PALOTINA – PR**

**Dezembro de 2021**

CARLA CHRISTINA BARRETTO BOMBONATI

RELATÓRIO DE ATIVIDADES  
DO ESTÁGIO SUPERVISIONADO OBRIGATÓRIO

Área: Clínica Médica de Pequenos Animais

Relatório apresentado como parte das exigências para a conclusão do Curso de Graduação em Medicina Veterinária da Universidade Federal do Paraná.

Orientador: Profª. Estela Dall'Agnol Gianezini

## AGRADECIMENTOS

Primeiramente agradeço à minha mãe, minha eterna companheira, minha inspiração, meu maior apoio nessa jornada e em tantas outras, que sempre me incentiva a alcançar o meu melhor. Sem você eu não estaria aqui, amo você, obrigada por tudo.

Em seguida, agradeço toda a minha grande família, as tias e tios que me visitaram, se preocuparam comigo, torceram pelo meu sucesso e estiveram presentes mesmo de longe; as primas e primos, principalmente a Gabi, que está comigo a minha vida toda e nunca me abandona, mesmo quando eu decido ficar a quilômetros de distância dela; meus afilhados, obrigada Lucas por não ter esquecido da dinda nesse período distante enquanto você crescia, espero ser pra você a babá quase perfeita que sua mãe foi pra mim, e Maria Duda, obrigada por toda companhia, por se preocupar e por se fazer presente mesmo de longe; Thierry, que cuidou da minha família como se fosse dele, mas sem roubar o meu lugar; a Lari, “a menina que mora na casa da minha mãe” que se tornou parte da família, que me ensina truques da vida acadêmica e comemora comigo cada mini conquista; um agradecimento gigantesco e especial para a vó Maria, Carol e Lu, pois sem vocês eu não seria metade do que sou e não estaria onde estou, obrigada por estarem junto comigo todos esses anos, independente da nossa distância geográfica, amo muito vocês. Sem deixar de fora os verdadeiros motivos que me fizeram escolher a veterinária, Mel, Marley e Dominique, meus filhos que eu sei que vão estar comigo por toda a minha jornada, seja no plano físico ou espiritual, me incentivando a tratar os animais com todo amor e carinho que eles merecem.

Agradeço imensamente a todas as incríveis amigas que a faculdade me proporcionou, cada uma marcou a minha trajetória de uma forma inesquecível, mas principalmente as amigas que tanto me ajudaram e acompanharam durante todos esses anos, Ju, Carol, Camilk, July, Nat, Giu, e Ba, sei que esse processo ficou mais fácil com vocês ao meu lado, muito obrigada por cada momento compartilhado, amo cada uma de vocês.

Aos professores e profissionais da Universidade Federal do Paraná – Setor Palotina que me ensinaram, ajudaram e incentivaram, muito obrigada, sem vocês o meu conhecimento não seria o mesmo. Um agradecimento especial à minha orientadora Estela, que sempre se mostrou uma veterinária com talento, conhecimento e simpatia inigualáveis, e que agora se torna uma professora com as mesmas qualidades. Aos professores Flávio Shigueru, Olicies e Fabíola, vocês são inesquecíveis, obrigada por me fazerem ter certeza que a área de pequenos animais é ideal para mim, por me passarem seus conhecimentos de maneira tão didática e incentivadora, e por serem minhas maiores inspirações na medicina veterinária.

Por fim, agradeço por todo ensinamento e ajuda que tive de veterinários, internos e estagiários que me acompanharam nesse período do estágio curricular. Mari, Helo e Ju, obrigada por tornarem meu estágio curricular mais alegre.

## RESUMO

O presente relatório de estágio curricular obrigatório supervisionado do curso de Medicina Veterinária da Universidade Federal do Paraná – Setor Palotina, realizado na área de clínica médica de pequenos animais, tem como objetivo descrever a estrutura dos locais de estágio, enunciar os procedimentos acompanhados e a casuística observada. As atividades foram divididas em duas etapas, sendo a primeira executada na Clínica Veterinária da Professora, sob supervisão da Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Cláudia Bonini, na cidade de Marília – SP, no período de 13 de setembro de 2021 a 31 de outubro de 2021, totalizando 280 horas, e posteriormente, no Hospital Veterinário da Pompéia, sob supervisão do MV. Msc. Felipe Braz de Siqueira Cardoso, na cidade de São Paulo – SP, no período de 1 de novembro de 2021 a 30 de novembro de 2021, findando 176 horas, concluindo assim, 456 horas. As atividades foram desenvolvidas sob orientação da Prof<sup>a</sup>. Estela Dall’Agnol Gianezini. O relatório possui um relato de caso clínico sobre hipotireoidismo com malasseziose secundária. Durante esse período, foi possível acrescentar e melhorar o conhecimento obtido durante a graduação, unindo assim o teórico e o prático em uma rotina veterinária.

Palavras-chave: clínica médica; hipotireoidismo; malasseziose; pequenos animais.

## LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Gráfico 1	– Casuística de enfermidades acompanhadas durante o estágio curricular na Clínica Veterinária da Professora.....	32
Gráfico 2	– Casuística total de enfermidades acompanhadas no Hospital Veterinário da Pompéia.....	49
Figura 1	– Vista frontal da Clínica Veterinária da Professora.....	15
Figura 2	– Recepção da Clínica da Professora: (A) Vista lateral; (B) Vista frontal.....	16
Figura 3	– Ambulatório 1: (A) Vista lateral direita; (B) Vista lateral esquerda.....	17
Figura 4	– Ambulatório 2: (A) Vista lateral direita; (B) Vista lateral esquerda.....	17
Figura 5	– Internamento (A) Canil; (B) Gatil.....	18
Figura 6	– Vista frontal do Hospital Veterinário da Pompéia.....	20
Figura 7	– Recepção do Hospital Veterinário da Pompéia (A) Vista lateral esquerda; (B) Vista frontal.....	21
Figura 8	– Sala de espera de felinos do Hospital Veterinário da Pompéia.....	21
Figura 9	– Ambulatórios do Hospital Veterinário da Pompéia (A) Ambulatório para cães; (B) Ambulatório para gatos.....	22
Figura 10	– Internamento do Hospital Veterinário da Pompéia. (A) Internamento de cães; (B) Internamento de gatos; (C) Quarentena.....	24
Figura 11	– Lesões dermatológicas do paciente, (A) Região dorsal, (B) Membro torácico direito.....	48

Figura 12 – Visualização em microscópio óptico de células compatíveis com o fungo <i>Malassezia pachydermatis</i> , demonstradas pela seta vermelha.....	49
Figura 13 – Região dorsal do paciente, com melhora no aspecto dermatológico.....	50

## LISTA DE TABELAS

Tabela 1	– Escala em semanas do veterinário interno do Hospital Veterinário da Pompéia.....	26
Tabela 2	– Total de casos acompanhados divididos por espécie e sexo, durante o estágio curricular realizado na Clínica Veterinária da Professora. ....	28
Tabela 3	– Casuística de raças de cães acompanhadas na Clínica Veterinária da Professora, de acordo com raça e frequência.....	29
Tabela 4	– Casuística de raças de gatos acompanhadas na Clínica Veterinária da Professora, de acordo com raça e frequência.....	30
Tabela 5	– Casuística de vacinações acompanhadas na Clínica Veterinária da Professora, distribuídas em tipo de vacina, espécie e gênero animal.....	31
Tabela 6	– Casuística das enfermidades dermatológicas na Clínica Veterinária da Professora.....	32
Tabela 7	– Casuística das enfermidades infectocontagiosas acompanhadas na Clínica Veterinária.....	33
Tabela 8	– Casuística das enfermidades gastrointestinais acompanhadas na Clínica Veterinária da Professora.....	33
Tabela 9	– Casuística das enfermidades reprodutivas acompanhadas na Clínica Veterinária da Professora.....	34
Tabela 10	– Casuística das enfermidades músculo esqueléticas na Clínica Veterinária da Professora.....	34
Tabela 11	– Casuística das enfermidades do trato urinário na Clínica Veterinária da Professora.....	35

Tabela 12 – Casuística das enfermidades oncológicas na Clínica Veterinária da Professora. ....	35
Tabela 13 – Casuística das enfermidades do trato respiratório na Clínica Veterinária da Professora. ....	36
Tabela 14 – Total de casos acompanhados no Hospital Veterinário da Pompéia, dividido em espécie e sexo.....	37
Tabela 15 – Casuística de raças caninas no Hospital Veterinário da Pompéia, de acordo com raça e frequência. ....	38
Tabela 16 – Casuística de raças de gatos acompanhados no Hospital Veterinário da Pompéia, de acordo com raça e frequência. ....	38
Tabela 17 – Casuística das enfermidades gastrointestinais no Hospital Veterinário da Pompéia. ....	40
Tabela 18 – Casuística das enfermidades infectocontagiosas no Hospital Veterinário da Pompéia. ....	40
Tabela 19 – Casuística das enfermidades do sistema urinário no Hospital Veterinário da Pompéia. ....	41
Tabela 20 – Casuística das enfermidades músculo esqueléticas no Hospital Veterinário da Pompéia. ....	41
Tabela 21 – Casuística das enfermidades neurológicas no Hospital Veterinário da Pompéia. ....	42

## LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

BID – Duas vezes ao dia.

BPM - Batimentos por minuto.

CE – Corpo estranho.

CEI - Centro Especializado de Imunização.

CCS - Ceratoconjuntivite seca.

DAC – Dermatite atópica canina.

DC – Dermatite alérgica de contato.

DDIV - doença do disco intervertebral.

DII – Doença inflamatória intestinal.

DRC – Doença renal crônica.

FIV – Imunodeficiência Viral Felina.

ITU – Infecção do trato urinário inferior.

MPD – Membro pélvico direito.

MPE – Membro pélvico esquerdo.

OSH - Ovariosalpingo-histerectomia.

SID – Uma vez ao dia.

SRD - Sem raça definida.

TSH - Hormônio tireoestimulante.

T4 – Tiroxina.

VO – Via oral.

## SUMÁRIO

<b>1.</b>	<b>INTRODUÇÃO.....</b>	<b>14</b>
<b>2.</b>	<b>DESCRIÇÃO GERAL DOS LOCAIS DE ESTÁGIO.....</b>	<b>15</b>
2.1	ESTRUTURA FÍSICA DA CLÍNICA VETERINÁRIA DA PROFESSORA.....	15
2.2	ESTRUTURA FÍSICA DO HOSPITAL VETERINÁRIO DA POMPÉIA...	20
<b>3.</b>	<b>ROTINA DOS LOCAIS DE ESTÁGIO.....</b>	<b>25</b>
3.1	ROTINA NA CLÍNICA VETERINÁRIA DA PROFESSORA.....	25
3.2	ROTINA DO HOSPITAL VETERINÁRIO DA POMPÉIA.....	26
<b>4.</b>	<b>DESCRIÇÃO DAS ATIVIDADES.....</b>	<b>27</b>
<b>5.</b>	<b>CASUÍSTICA ACOMPANHADA.....</b>	<b>28</b>
5.1	CASUÍSTICA ACOMPANHADA NA CLÍNICA VETERINÁRIA DA PROFESSORA.....	28
5.1.1	Casuística das enfermidades dermatológicas.....	32
5.1.2	Casuística das enfermidades infectocontagiosas.....	33
5.1.3	Casuística das enfermidades gastrointestinais.....	33
5.1.4	Casuística das enfermidades músculo esqueléticas.....	34
5.1.5	Casuística das enfermidades reprodutivas.....	34
5.1.6	Casuística das enfermidades do sistema urinário.....	35
5.1.7	Casuística das enfermidades oncológicas.....	35
5.1.8	Casuística das enfermidades do sistema respiratório.....	36
5.1.9	Casuística das enfermidades endócrinas.....	36
5.1.10	Casuística das enfermidades oftálmicas.....	36
5.1.11	Casuística das enfermidades cardiovasculares.....	36
5.1.12	Casuística das enfermidades neurológicas.....	37
5.2	CASUÍSTICA ACOMPANHADA NO HOSPITAL VETERINÁRIO DA POMPÉIA.....	37
5.2.1	Casuística das enfermidades gastrointestinais.....	39

5.2.2	Casuística das enfermidades infectocontagiosas.....	40
5.2.3	Casuística das enfermidades do sistema urinário.....	40
5.2.4	Casuística das enfermidades músculo esqueléticas.....	41
5.2.5	Casuística das enfermidades neurológicas.....	41
5.2.6	Casuística das enfermidades reprodutivas.....	42
5.2.7	Casuística das enfermidades cardiovasculares.....	42
5.2.8	Casuística das enfermidades dermatológicas.....	42
5.2.9	Casuística das enfermidades respiratórias.....	43
5.2.10	Casuística das enfermidades oncológicas.....	43
5.2.11	Casuística das enfermidades endócrinas.....	43
5.2.12	Casuística das enfermidades oftálmicas.....	43
<b>6.</b>	<b>RELATO DE CASO.....</b>	<b>44</b>
6.1	HIPOTIREOIDISMO COM MALASSEZIOSE SECUNDÁRIA.....	44
6.1.1	Revisão de literatura.....	44
6.1.2	Relato de caso.....	47
6.1.3	Discussão.....	51
<b>7.</b>	<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>	<b>53</b>
<b>8.</b>	<b>REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....</b>	<b>54</b>

## 1. INTRODUÇÃO

O estágio curricular obrigatório compõe a última disciplina necessária para finalizar o curso de Medicina Veterinária, sendo de extrema importância por proporcionar ao aluno o contato direto com a parte prática e rotineira da área a ser seguida, fazendo com que o mesmo aprimore seus conhecimentos, consolide os ensinamentos e se prepare para o dia a dia da profissão, tanto na parte pessoal quanto na profissional.

A escolha pelos locais de estágio foi baseada na estrutura física, na rotina de atendimentos e na presença de diferentes profissionais com diferentes especialidades veterinárias.

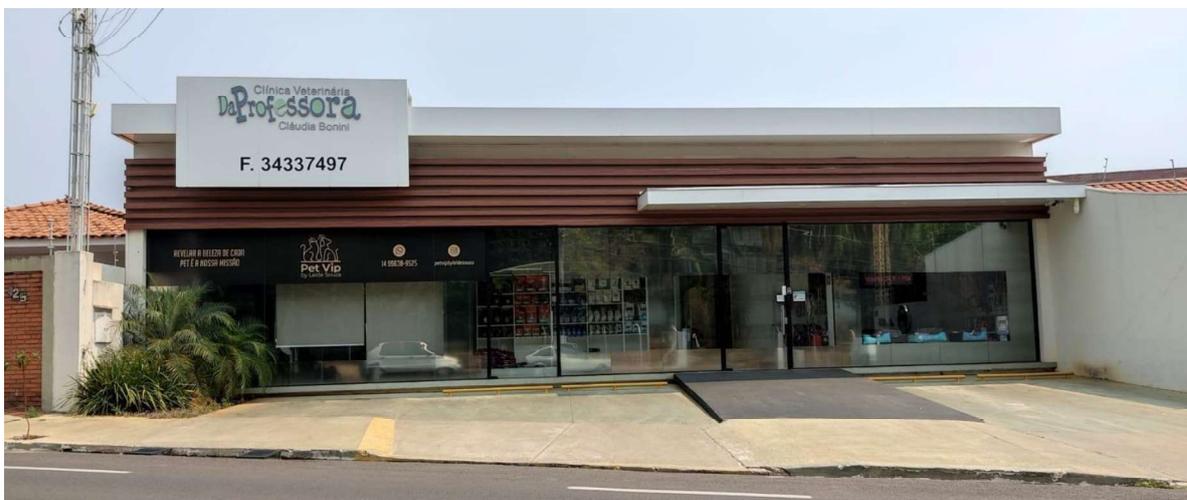
O objetivo deste relatório é descrever a estrutura dos locais de estágio, enunciar os procedimentos acompanhados na área de clínica médica de pequenos animais, e a casuística observada em cada um dos locais, além de apresentar um relato de caso de maior interesse sobre hipotireoidismo com malasseziose secundária.

## 2. DESCRIÇÃO GERAL DOS LOCAIS DE ESTÁGIO

### 2.1. ESTRUTURA FÍSICA DA CLÍNICA VETERINÁRIA DA PROFESSORA

A Clínica Veterinária da Professora (Figura 1) foi fundada em 2008 com o nome inicial de Pet Imagem, sendo posteriormente alterado para o atual em 2014, como uma forma de homenagear a professora Cláudia Bonini por todos os anos dedicados aos alunos e animais. A clínica se encontra na rua Santa Helena, número 435, na cidade de Marília – SP, e possui três ambulatórios, sendo um exclusivo para aplicação de vacinas, denominado de Centro Especializado de Imunização (CEI), equipamentos para exames diagnósticos de imagem como ultrassonografia e radiografia, equipamentos para exames diagnósticos laboratoriais, como hematológicos, citológicos e parasitológicos, centro cirúrgico, internamento para cães e para gatos, espaço para realização de reiki e ozonioterapia e farmácia.

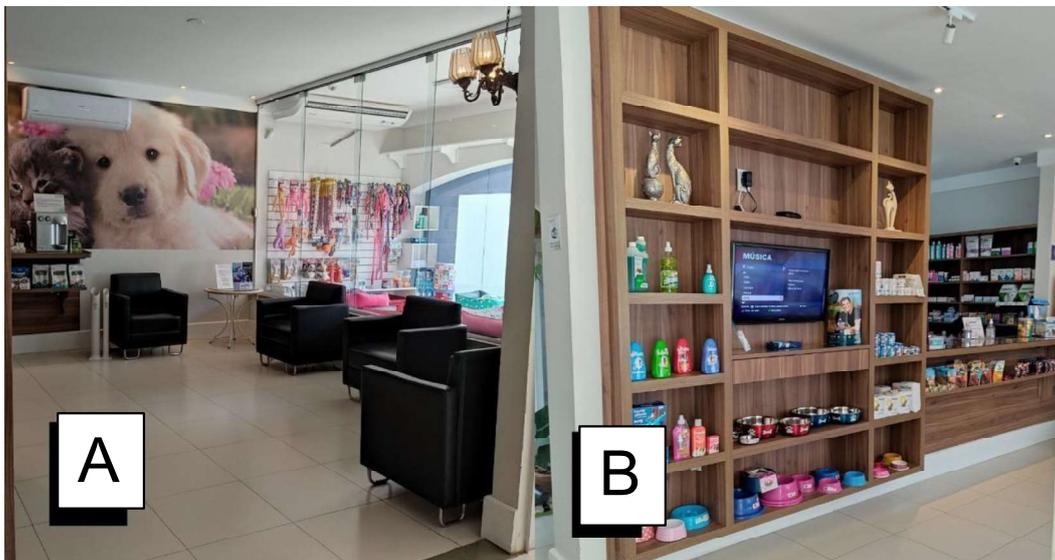
Figura 1 – Vista frontal da Clínica Veterinária da Professora.



Fonte: Arquivo pessoal, 2021.

A recepção (Figura 2) possui sala de espera com poltronas espaçadas, prateleiras com produtos pet para venda, televisor e farmácia com os medicamentos restritos ao alcance das funcionárias.

Figura 2 – Recepção da Clínica da Professora: (A) Vista lateral; (B) Vista frontal.



Fonte: Arquivo pessoal, 2021.

Existem três ambulatórios para atendimento clínico, e um ambulatório para realização de reiki e ozonioterapia. Não há separação de ambulatórios para gatos, sendo os mesmos usados pelos cães e gatos. O primeiro ambulatório (Figura 3) é exclusivo para uso da Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Cláudia Bonini. Possui mesa de inox com tapete antiderrapante para realização de exame físico, mesa e cadeiras para a realização da anamnese com o tutor, computador para acessar o prontuário do paciente, balcão com instrumentos utilizados para coleta de sangue e limpeza da mesa, caixa para descarte de perfurocortantes, pia para higiene das mãos, microscópio óptico, livros para consulta, televisor e artigos para decoração.

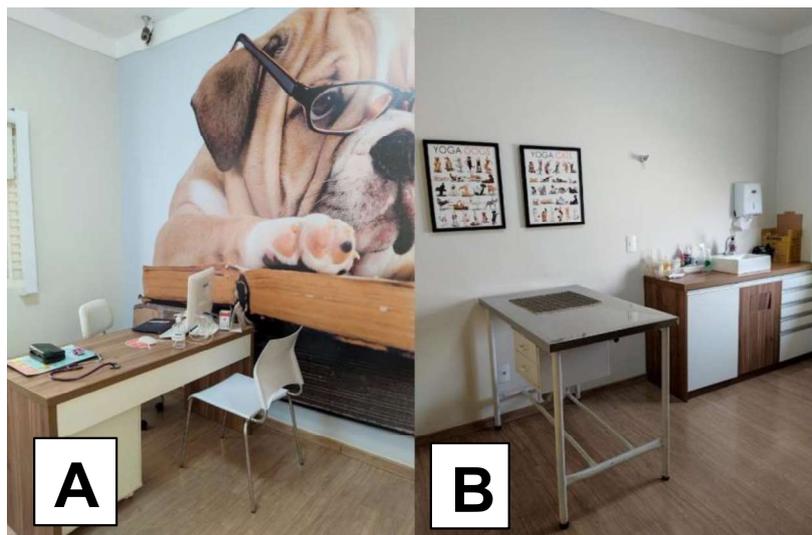
Figura 3 – Ambulatório 1: (A) Vista lateral direita; (B) Vista lateral esquerda.



Fonte: Arquivo pessoal, 2021.

O segundo ambulatório (Figura 4) é destinado ao uso geral dos outros veterinários da clínica e de veterinários convidados, possuindo assim como o ambulatório 1, os mesmos elementos necessários para a consulta e coleta de exames.

Figura 4 – Ambulatório 2: (A) Vista lateral direita; (B) Vista lateral esquerda.



Fonte: Arquivo pessoal, 2021.

O terceiro ambulatório é exclusivo para vacinação, sendo chamado de Centro Especializado de Imunização (CEI). Possui mesa de aço inox com antiderrapante para realização do exame físico no paciente, balança para pesagem, pia para higienização das mãos, mesa e cadeiras para realização da anamnese junto com o tutor e preenchimento do cartão de vacinação, caixa para descarte de perfurocortantes e refrigerador com controle digital de temperatura onde são armazenadas as vacinas. O ambulatório destinado para as práticas de reiki e ozonioterapia, é composto por uma maca acolchoada, suporte para fluidoterapia, poltrona e mesa de mármore com difusor aromatizador de ambiente e incensos.

O internamento é amplo, separado por espécie, sendo um canil e um gatil (Figura 5). O canil tem capacidade para abrigar até 17 pacientes, possui gaiolas em alvenaria com revestimento de azulejo, porta de vidro com espaços circulares para passagem de ar, cada gaiola com um suporte externo para soro, suporte externo para alocação de bomba de infusão, lâmpada de iluminação interna, fechadura com chave e ralos para escoamento no interior de cada gaiola. O gatil possui capacidade de internamento para até seis pacientes, sendo das mesmas características das gaiolas do canil, diferindo apenas na plataforma de mármore e na abertura para comunicação entre duas gaiolas, possibilitando que o felino internado consiga se refugiar e sentir-se mais seguro, mas sem tornar impossível a sua manipulação.

Figura 5 – Internamento (A) canil; (B) gaiola interna do gatil.



Fonte: Arquivo pessoal, 2021.

Além disso, o internamento possui balcão com tapete antiderrapante, onde são realizados procedimentos como administração de medicações, curativos, exame físico, coletas de materiais necessários para exames laboratoriais, entre outros, possuindo também materiais para limpeza e para os procedimentos ali realizados. Ainda no balcão, há uma caixa com fármacos de emergência, caixa para descarte de perfurocortantes, microondas para preparo de alimento de pacientes internados, livros para consulta e computador para acesso às câmeras presentes na clínica. Acima do balcão, há prateleiras com cestas onde são separadas as medicações de cada paciente. Abaixo do balcão há armários para armazenamento de materiais como focinheiras, colares elizabethanos, coleiras, tapetes higiênicos, dentre outros. O internamento também conta com uma geladeira para armazenamento de fármacos que necessitam de refrigeração e cama de descanso para o veterinário plantonista.

A clínica possui um setor diagnóstico para realização de exames complementares como exames de imagem e exames laboratoriais, oferecendo serviços de ultrassonografia, radiografia e análises hematológicas e bioquímicas. A sala de ultrassom é composta por uma mesa de madeira com tampo de espuma, calha de espuma para posicionamento do paciente, aparelho de ultrassom, cadeiras para acomodação do tutor e do médico veterinário, compressas e gel de ultrassom. Os exames radiográficos são realizados em uma sala com aparelho de raio-X digital, emissor de raio-X, mesa para posicionamento do paciente, roupas para proteção e uma parede de proteção, além de uma subdivisão de sala onde é realizada a revelação e interpretação das imagens radiográficas, possuindo uma mesa com o computador e o scanner digital. O laboratório clínico é equipado com analisadores hematológicos e bioquímicos automáticos e balcão para apoio de tubos, pipetadores e ponteiras. Para a realização de exames hematológicos e bioquímicos, a amostra é coletada em um dos ambulatórios ou no internamento e encaminhada até o laboratório clínico.

## 2.2 ESTRUTURA FÍSICA DO HOSPITAL VETERINÁRIO DA POMPÉIA

O Hospital Veterinário da Pompéia (Figura 6) está localizado na Avenida Pompéia, número 633, em São Paulo – SP. Possui como missão oferecer excelência e qualidade na medicina veterinária, visando o bem-estar de cães e gatos e o acolhimento e confiança dos tutores, com atendimento e cuidado intensivo 24 horas, todos os dias do ano. Possui cinco ambulatórios para cães, para felinos possui um ambulatório, sala de espera e internação exclusivos, salas de exames de diagnóstico por imagem e laboratoriais, sala de fisioterapia animal, centro cirúrgico, internamento com área de quarentena, farmácia e área de lazer.

Figura 6 – Vista frontal do Hospital Veterinário da Pompéia.



Fonte: Arquivo pessoal, 2021.

A recepção possui sofás para acomodação dos tutores, balança, bancada onde é feita a recepção aos pacientes e prateleira com produtos veterinários como medicamentos e rações. Este ambiente é destinado à espera de cães e seus proprietários, compra de medicamentos e rações e cadastro dos animais (Figura 7).

Figura 7 – Recepção do Hospital Veterinário da Pompéia (A) Vista lateral esquerda; (B) Vista frontal.



Fonte: Arquivo pessoal, 2021.

Para os felinos há uma sala de espera específica, onde não entram cães, não há janelas, podendo assim deixar o felino solto enquanto aguarda, além de possuir difusor de ambiente com Feliway®, poltronas e plantas sintéticas para enriquecimento ambiental (Figura 8).

Figura 8 – Sala de espera de felinos do Hospital Veterinário da Pompéia.



Fonte: Arquivo pessoal, 2021.

Existem cinco ambulatórios para cães, todos semelhantes entre si, possuem mesa de aço inox com tapete antiderrapante para realização de exame físico, suporte de soluções para fluidoterapia, bomba de infusão, refrigerador para armazenamento de vacinas, saída de oxigênio com fluxômetro, umidificador e cateter nasal, lixos destinados ao descarte de materiais infectantes, caixa para descarte de perfurocortantes, dispenser de álcool em gel, prateleira de vidro com materiais de uso geral como frascos spray com álcool, gaze, esparadrapo, entre outros, mesa e cadeiras para a realização da anamnese com o tutor, computador para acessar o prontuário dos pacientes e artigos de decoração. O ambulatório para felinos fica no andar de cima, distante dos ambulatórios para cães, e é composto por mesa de aço inox, balança, dispenser de álcool em gel, refrigerador para armazenamento de vacinas, saída de oxigênio com fluxômetro, umidificador e cateter nasal, nicho com escadas para o entretenimento do animal, puff quadrado para apoio da caixa de transporte, lixos destinados ao descarte de materiais infectantes, caixa para descarte de perfurocortantes, prateleira de vidro com frascos spray com álcool, gaze, esparadrapo, entre outros, mesa e cadeiras para a realização da anamnese com o tutor e computador para acessar o prontuário dos pacientes (Figura 9).

Figura 9 – Ambulatórios do Hospital Veterinário da Pompéia (A) Ambulatório para cães; (B) Ambulatório para gatos.



Fonte: Arquivo pessoal, 2021.

O hospital veterinário da Pompéia é composto por um setor de exames diagnósticos complementares, composto por laboratório clínico, sala de ecocardiografia, sala de ultrassonografia e sala de radiologia. O laboratório clínico é destinado às análises laboratoriais e é equipado com dois microscópios ópticos, dois computadores, analisadores hematológicos e bioquímicos automáticos e armários para armazenamento de materiais. A sala de ultrassonografia é composta por uma mesa de aço inox, duas cadeiras, escrivaninha com computador, caixa para descarte de perfurocortante, tubo com álcool, tubo com gel condutor para ultrassom, papel toalha e gaze, aparelho de ultrassom e duas calhas de espuma para posicionamento do paciente. A sala de cardiologia contém uma mesa de aço inox com tapete antiderrapante e colchonete para maior conforto do paciente, cadeira, escrivaninha com computador, tubo com gel condutor para ultrassom, tubo com álcool líquido, esparadrapo, equipamento de ultrassom para realização de ecodopplercardiografia e eletrocardiógrafo. A sala de radiografia é dividida em dois espaços por uma parede de proteção, o primeiro possui a máquina de raio x digital, o emissor de raio x, mesa para posicionamento do paciente, cadeira e duas calhas de espuma, o segundo espaço possui aparelho de revelação das imagens radiográficas, um computador e uma mesa com o scanner digital.

O internamento é dividido em três partes, o internamento de cães, internamento de felinos e quarentena (Figura 10). Todas as baias são feitas em alvenaria e gesso, possuem porta de vidro com furos para passagem de ar, tomadas e suporte para bomba de infusão. Acima destas ficam os armários para armazenamento dos materiais necessários, como tapetes higiênicos, cobertores, colchonetes, bombas de infusão, brinquedos para os pets e roupas pós cirúrgicas. O internamento de cães possui 15 baias, sendo quatro de tamanho maior que as demais, todas numeradas para identificação dos pacientes. O internamento de felinos possui seis baias com a metragem um pouco maior para comportar a caixa de areia, não há janelas no internamento, há apenas uma porta de entrada para evitar a fuga dos pacientes, e difusor de ambiente com Feliway®. A quarentena fica ao lado do internamento de cães, possui seis baias, sendo uma maior que as demais para comportar animais de porte maior e possui também materiais

exclusivos para este ambiente, afim de evitar a contaminação cruzada com os demais animais.

Figura 10 – Internamento do Hospital Veterinário da Pompéia. (A) Internamento de cães; (B) Internamento de gatos; (C) Quarentena.



Fonte: Arquivo pessoal, 2021.

O ambiente do internamento possui uma sala de nutrição, onde são armazenados diferentes tipos de ração, petiscos, sachês, rações úmidas, alimentos de dieta caseira, potes para alimento e água, geladeira, microondas e liquidificador. As dietas são calculadas com base na necessidade diária do paciente, divididas em seis refeições por dia, usando o alimento do dia a dia em que o paciente está habituado, mas se o mesmo não quiser comer, é refeito o cálculo com base no que o mesmo aceitar.

### **3. ROTINA DOS LOCAIS DE ESTÁGIO.**

#### **3.1 ROTINA NA CLÍNICA VETERINÁRIA DA PROFESSORA.**

A Clínica Veterinária da Professora é composta por nove funcionários no total, duas recepcionistas, uma gerente, uma faxineira e cinco profissionais médicos veterinários de diferentes áreas, sendo dermatologia, anestesiologia, cirurgia, diagnóstico por imagem, psiquiatria e medicina de selvagens, convidando quando necessário profissionais especializados em outras áreas da veterinária para eventuais consultas ou procedimentos. O horário de funcionamento é das 7h às 19h com os veterinários da rotina e das 19h às 7h com os veterinários plantonistas, de segunda a segunda, revezando os plantões a partir de escalas.

O atendimento dos pacientes ocorre mediante agendamento prévio através de ligação ou mensagem de texto entre os tutores e as funcionárias da secretaria, que realizam o cadastro digital do paciente no sistema, recebendo um número de identificação. Todo o atendimento é realizado no ambulatório, onde é feita anamnese, exame físico e prescrição de medicamentos quando necessário, anotando informações no prontuário digital. Para coleta de material para exames laboratoriais, o paciente é levado para o internamento, sem acompanhamento do tutor.

Pacientes que chegam em situação emergencial, são atendidos imediatamente, sendo levados diretamente para o internamento, onde ficam os equipamentos e fármacos emergenciais, e o preenchimento da ficha é realizado com o tutor após a estabilização inicial do paciente.

Quando há necessidade de internamento, a ficha do paciente é preenchida manualmente com a principal suspeita clínica, as medicações que devem ser administradas já com a posologia e horários estabelecidos, parâmetros vitais e atualizações sobre o caso.

Para realização de exames de imagem como exame ultrassonográfico e radiográfico, o tutor é responsável por realizar o agendamento com as funcionárias da secretaria, que marcam o exame compatível com o horário da veterinária responsável, podendo o tutor acompanhar o paciente durante os exames.

Para todos os procedimentos necessários, é feita uma requisição de autorização com os valores de cada material e procedimento, que deve ser assinada pelo tutor comprovando que o mesmo concorda com o tratamento realizado e os respectivos custos.

### 3.2 ROTINA DO HOSPITAL VETERINÁRIO DA POMPÉIA.

O Hospital Veterinário da Pompéia conta com onze médicos veterinários, oito veterinários internos, seis enfermeiros veterinários, dois veterinários coordenadores, equipe de limpeza e manutenção, estagiários que mudam a cada mês e médicos veterinários especialistas que são chamados quando necessário.

O funcionamento do hospital é de 24 horas, todos os dias da semana, com os turnos divididos em três horários entre os funcionários, sendo das 6h às 14h, das 14h às 22h e das 22h às 6h. Os veterinários internos fazem rodízio de funções a cada oito semanas, sendo quatro veterinários responsáveis pela internação e quatro responsáveis pelo atendimento clínico, alternando as escalas semanais em horários conforme a tabela abaixo, onde exemplifica a escala em oito semanas de um interno (Tabela 1).

Tabela 1 – Escala em semanas do veterinário interno.

Semanas	1	2	3	4	5	6	7	8
Local	Internação	Internação	Internação	Internação	Clínica	Clínica	Clínica	Clínica
Horário	6 - 14h	14 - 22h	22 - 6h	6 - 14h	14 - 22h	22 - 6h	6 - 14h	14 - 22h

Fonte: O autor, 2021.

O atendimento dos pacientes é feito por ordem de chegada, a qualquer momento do dia, com exceção dos casos emergenciais ou consulta com veterinário especialista previamente agendado. O veterinário clínico e os internos responsáveis pela clínica ficam nos ambulatórios aguardando a chegada de um novo paciente, que é informado via telefone pela recepção. A anamnese, exame físico e coleta de sangue para exames hematológicos são feitos no ambulatório, se for necessário internar o paciente, o mesmo é levado ao internamento, onde é feito o acesso

venoso, calculada a quantidade diária de alimentação, administrados os medicamentos e instalação do paciente.

Os exames complementares laboratoriais são feitos sem agendamento prévio, por ordem de chegada, não sendo realizados no período das 22h às 6h. Os exames de imagem são feitos com agendamento prévio, mas quando há emergências, os mesmos são encaixados na rotina, funcionando também em todos os horários, exceto das 22h às 6h.

Todos os casos clínicos e suas evoluções diárias são discutidos entre todos os médicos veterinários do hospital, sendo que cada interno é responsável por repassar os casos aos demais internos e veterinários do próximo horário, gerando assim um ambiente onde todos os veterinários acompanham todos os animais.

O pagamento é feito após a realização dos procedimentos necessários, podendo ser solicitado abatimento do valor pelo plano de saúde. Os planos de saúde são próprios do hospital, podem ser usados apenas nessa unidade e variam conforme a necessidade do paciente, sendo que cada um cobre determinados serviços, variando de 35,00 à 102,00 reais mensais.

#### **4. DESCRIÇÃO DAS ATIVIDADES**

Nos dois locais de estágio a carga horária foi de oito horas diárias, de segunda à sexta, com oportunidade de plantões voluntários aos finais de semana, sendo possível acompanhar a rotina da clínica médica de pequenos animais, com consultas, exames complementares, internamento e eventuais cirurgias.

Na Clínica Veterinária da Professora, o estagiário era responsável por acompanhar todas as consultas, podendo refazer o exame físico após o veterinário responsável, auxiliar na contenção do paciente e manter o ambiente limpo após a saída do paciente. No internamento, o estagiário deveria cuidar do paciente internado através do oferecimento de comida e água, monitoramento, trocas de decúbito, aferição dos parâmetros vitais, administração de medicamentos, limpeza das gaiolas e higiene dos pacientes. Também era permitido coletar material biológico para exames complementares, fazer acesso venoso, administrar vacinas,

auxiliar em cirurgias, aferir glicemia, acompanhar o paciente na realização de exames de imagem e auxiliar na interpretação de exames complementares. Em caso de dúvidas ou interesse em discutir o caso, o estagiário era instruído a aguardar o proprietário se retirar para então poder perguntar ao veterinário.

No Hospital Veterinário da Pompéia, o estagiário era responsável por realizar os parâmetros vitais de cada paciente internado a cada duas horas, incluindo mensuração de frequência cardíaca, frequência respiratória, avaliação do padrão respiratório, aferição de temperatura, avaliação do estado de consciência, verificar mucosas, qualidade de pulso, nível de hidratação, débito urinário, aspecto das fezes, fornecer água e alimento, além de passear com os pacientes no ambiente externo do hospital, acompanhar consultas, cirurgias e exames de imagem, administrar medicamentos, aferir pressão, auxiliar na contenção do paciente e fazer a limpeza das baias.

## 5. CASUÍSTICA ACOMPANHADA.

### 5.1 CASUÍSTICA ACOMPANHADA NA CLÍNICA VETERINÁRIA DA PROFESSORA.

Durante o período do estágio curricular realizado na Clínica Veterinária da Professora, foi possível acompanhar um total de 95 pacientes, caninos e felinos, sendo a maior casuística observada em caninos (89,5%) (Tabela 2).

Tabela 2 – Total de casos acompanhados divididos por espécie e sexo, durante o estágio curricular realizado na Clínica Veterinária da Professora.

ESPÉCIE	MACHO	FÊMEA	TOTAL	FREQUÊNCIA
Canina	31	54	85	89,5%
Felina	6	4	10	10,5%
<b>Total</b>	<b>37</b>	<b>62</b>	<b>95</b>	<b>100%</b>

Fonte: O autor, 2021.

Em caninos e felinos, a maior frequência foi em animais sem raça definida (SRD), sendo 18,8% a frequência de cães SRD e 80% a frequência de gatos SRD (Tabela 3 e 4).

Tabela 3 – Casuística de raças de cães acompanhadas na Clínica Veterinária da Professora, de acordo com raça e frequência.

<b>RAÇAS CÃES</b>	<b>TOTAL</b>	<b>FREQUÊNCIA</b>
<b>SRD</b>	16	18,8%
<b>Shih-tzu</b>	9	10,5%
<b>Bulldog Francês</b>	7	8,3%
<b>Lhasa Apso</b>	7	8,3%
<b>Pitbull</b>	7	8,3%
<b>Spitz Alemão</b>	6	7,1%
<b>Yorkshire Terrier</b>	6	7,1%
<b>Poodle</b>	5	5,9%
<b>Dachshund</b>	4	4,8%
<b>Pastor Alemão</b>	3	3,6%
<b>Pug</b>	2	2,4%
<b>Husky Siberiano</b>	2	2,4%
<b>Chihuahua</b>	2	2,4%
<b>Schnauzer</b>	2	2,4%
<b>Blue Heeler</b>	1	1,1%
<b>Fox Paulistinha</b>	1	1,1%
<b>Dálmata</b>	1	1,1%
<b>Maltês</b>	1	1,1%
<b>Pinscher</b>	1	1,1%
<b>Boston Terrier</b>	1	1,1%
<b>Akita</b>	1	1,1%
<b>Total</b>	<b>85</b>	<b>100%</b>

Fonte: O autor, 2021.

Tabela 4 - Casuística de raças de gatos acompanhadas na Clínica Veterinária da Professora, de acordo com raça e frequência.

<b>RAÇAS GATOS</b>	<b>TOTAL</b>	<b>FREQUÊNCIA</b>
<b>SRD</b>	8	80,0%
<b>Exótico</b>	2	20,0%
<b>Total</b>	<b>10</b>	<b>100%</b>

Fonte: O autor, 2021.

Na Clínica Veterinária da Professora, eram realizadas vacinações em cães e gatos, que eram examinados previamente através de exame físico, para garantir que estavam aptos a receber a vacina. Entre as vacinas disponíveis no mercado, as que a clínica veterinária possuía eram a vacina antirrábica (Defensor®); V10 (Vanguard Plus®) que engloba cinomose, parvovirose, coronavirose, hepatite infecciosa canina, adenovirose, parainfluenza canina e quatro subtipos da leptospirose canina; vacina de giárdia (Giardiavax®); vacina de traqueobronquite infecciosa (Bronchiguard®); vacina de leishmaniose (Leishtec®); V4 felina (Felocell CVR-C®) que protege contra panleucopenia, calicivirose, rinotraqueíte e clamidiose; V5 felina (Fel-O-Vax®) que protege contra as mesmas doenças da vacina V4 adicionando a leucemia felina.

O protocolo vacinal para cães consistia em administrar a primeira dose da vacina V10 a partir de seis semanas de idade, a segunda dose após três semanas da primeira dose e a terceira dose após três semanas da segunda dose, com dose de reforço ao animal completar um ano e com reforços anuais por toda a vida. A vacina antirrábica era realizada a partir de 12 semanas de idade, dose de reforço ao cão completar um ano de idade, e reforços anuais. Para a vacina de giárdia e de gripe canina, o protocolo era o mesmo, aplicar a primeira dose a partir de 8 semanas de idade, a segunda dose com intervalo de quatro semanas e reforço anual. Já a vacina para Leishmaniose, seguia o protocolo de primeira dose a partir de 16 semanas de idade, segunda dose após três semanas, e terceira dose após três semanas da segunda dose, com reforço anual.

Para os felinos, o protocolo de vacinação era o mesmo para as vacinas V4 e V5, consistia em aplicar a primeira dose aos 60 dias de vida, a segunda dose após

um mês, a terceira dose após um mês da segunda dose, com reforço anual. A vacina antirrábica era aplicada junto com a terceira dose da V4 ou V5, aos quatro meses de idade, também com reforço anual em dose única.

A vacina mais realizada foi a antirrábica, com 43,6% de frequência, como mostra a tabela 5.

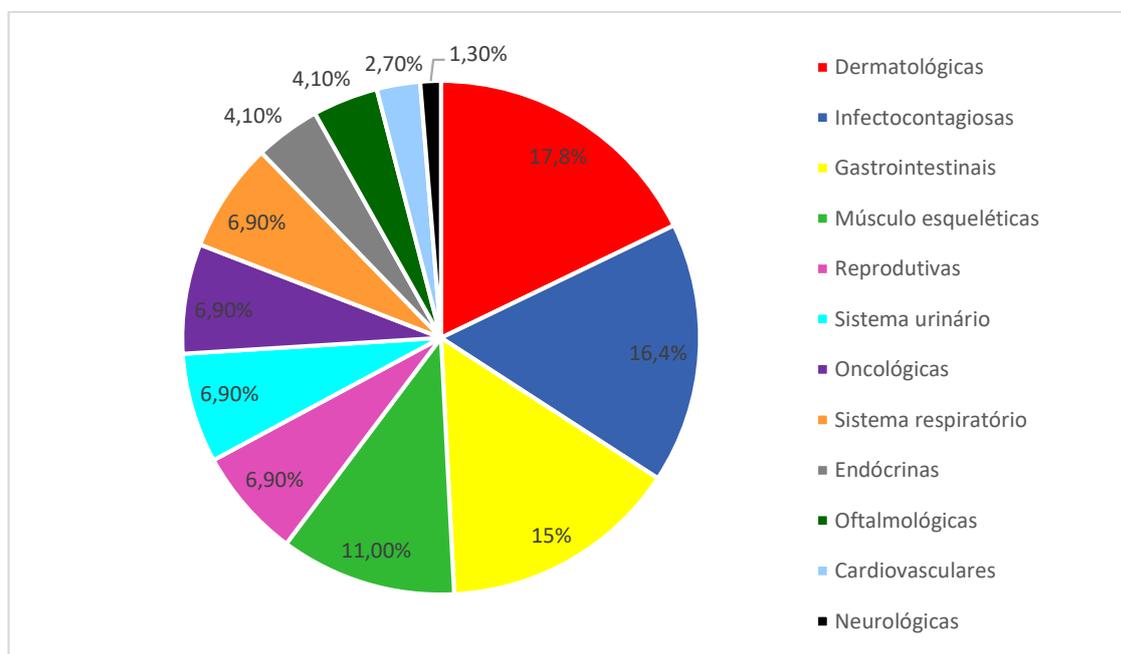
Tabela 5 – Casuística de vacinações acompanhadas na Clínica Veterinária da Professora, distribuídas em tipo de vacina, espécie e gênero animal.

VACINAS	CANINOS		FELINOS		TOTAL	FREQUÊNCIA
	M	F	M	F		
Antirrábica	4	12	0	1	17	43,6%
V10	2	7	-	-	9	23,0%
Giárdia	3	3	0	0	6	15,4%
Gripe canina	1	2	-	-	3	7,7%
Leishmaniose	0	1	0	0	1	2,6%
V4 felina	-	-	1	1	2	5,1%
V5 felina	-	-	0	1	1	2,6%
<b>Total</b>	<b>10</b>	<b>25</b>	<b>1</b>	<b>3</b>	<b>39</b>	<b>100%</b>

Fonte: O autor, 2021.

Durante o estágio curricular realizado na Clínica Veterinária da Professora, foram acompanhadas 73 enfermidades, que foram subdivididas em 12 sistemas (Gráfico 1). A casuística mais frequente foi em enfermidades dermatológicas, correspondendo a 17,8% dos casos acompanhados. Em seguida, enfermidades infectocontagiosas com 16,4%, gastrointestinais com 15,0%, músculo esqueléticas com 11,0%, doenças reprodutivas, do sistema urinário, do sistema respiratório e oncológicas com 6,9% cada uma, doenças endócrinas e oftalmológicas com 4,1% cada, doenças cardiovasculares com 2,7%, e por fim, doenças neurológicas com frequência de 1,3%.

Gráfico 1 – Casuística de enfermidades acompanhadas durante o estágio curricular na Clínica Veterinária da Professora.



Fonte: O autor, 2021.

### 5.1.1 CASUÍSTICA DAS ENFERMIDADES DERMATOLÓGICAS.

Em relação as enfermidades dermatológicas, a principal afecção acompanhada foi dermatite alérgica de contato (DC), correspondendo a 38,5% dos casos dermatológicos, como mostra a Tabela 6.

Tabela 6 – Casuística das enfermidades dermatológicas na Clínica Veterinária da Professora.

ENFERMIDADES DERMATOLÓGICAS	CANINOS		FELINOS		TOTAL	FREQUÊNCIA
	M	F	M	F		
DC*	2	2	1	0	5	38,5%
Otite externa	2	2	0	0	4	30,7%
Malasseziose	0	1	0	0	1	7,7%
Deiscência de pontos	0	1	0	0	1	7,7%
DAC*	1	0	0	0	1	7,7%
Granuloma eosinofílico	0	0	1	0	1	7,7%
<b>Total</b>	<b>5</b>	<b>6</b>	<b>2</b>	<b>0</b>	<b>13</b>	<b>100%</b>

Fonte: O autor, 2021.

\*DC – Dermatite alérgica de contato; DAC – Dermatite atópica canina.

### 5.1.2. CASUÍSTICA DAS ENFERMIDADES INFECTOCONTAGIOSAS.

As enfermidades infectocontagiosas possuem a parvovirose como a afecção com maior frequência, representando 33,3% das doenças infectocontagiosas acompanhadas (Tabela 7).

Tabela 7 – Casuística das enfermidades infectocontagiosas acompanhadas na Clínica Veterinária da Professora.

ENFERMIDADES INFECTOCONTAGIOSAS	CANINOS		FELINOS		TOTAL	FREQUÊNCIA
	M	F	M	F		
Parvovirose	1	3	0	0	4	33,3%
Giardiase	1	2	0	0	3	25,0%
Leishmaniose	0	3	0	0	3	25,0%
Erliquiose	1	1	0	0	2	16,7%
<b>Total</b>	<b>3</b>	<b>9</b>	<b>0</b>	<b>0</b>	<b>12</b>	<b>100%</b>

Fonte: O autor, 2021.

### 5.1.3. CASUÍSTICA DAS ENFERMIDADES GASTROINTESTINAIS.

Sobre as enfermidades gastrointestinais, a gastroenterite sem causas específicas, é vista como a afecção mais comum, representando 63,6% da casuística de enfermidades gastrointestinais, como mostra a Tabela 8.

Tabela 8 – Casuística das enfermidades gastrointestinais acompanhadas na Clínica Veterinária da Professora.

ENFERMIDADES GASTROINTESTINAIS	CANINOS		FELINOS		TOTAL	FREQUÊNCIA
	M	F	M	F		
Gastroenterite	3	4	0	0	7	63,6%
CE gástrico*	0	1	0	0	1	9,1%
Gastrite aguda	0	1	0	0	1	9,1%
Insuficiência hepática crônica	1	0	0	0	1	9,1%
Desnutrição	0	0	0	1	1	9,1%
<b>Total</b>	<b>4</b>	<b>6</b>	<b>0</b>	<b>1</b>	<b>11</b>	<b>100%</b>

Fonte: O autor, 2021.

\*CE – Corpo estranho

#### 5.1.4. CASUÍSTICA DAS ENFERMIDADES MÚSCULO ESQUELÉTICAS.

Sobre a casuística das enfermidades músculo esqueléticas, os casos de feridas e artrite são as maiores frequências, cada uma ocupando 37,5% da frequência total, como podemos observar na Tabela 9.

Tabela 9 – Casuística das enfermidades músculo esqueléticas na Clínica Veterinária da Professora.

ENFERMIDADES MÚSCULO ESQUELÉTICAS	CANINOS		FELINOS		TOTAL	FREQUÊNCIA
	M	F	M	F		
Feridas	1	2	0	0	3	37,5%
Artrite	3	0	0	0	3	37,5%
Luxação em metatarso	0	1	0	0	1	12,5%
Fratura em fêmur	0	0	0	1	1	12,5%
<b>Total</b>	<b>4</b>	<b>3</b>	<b>0</b>	<b>1</b>	<b>8</b>	<b>100%</b>

Fonte: O autor, 2021.

#### 5.1.5. CASUÍSTICA DAS ENFERMIDADES REPRODUTIVAS.

As enfermidades reprodutivas englobam afecções do sistema reprodutor em machos e fêmeas, não possuindo afecção mais frequente pois cada uma aparece apenas uma vez, ficando assim, cada uma com 20% da casuística (Tabela 10).

Tabela 10 – Casuística das enfermidades reprodutivas acompanhadas na Clínica Veterinária da Professora.

ENFERMIDADES REPRODUTIVAS	CANINOS		FELINOS		TOTAL	FREQUÊNCIA
	M	F	M	F		
Vaginite	0	1	0	0	1	20,0%
Prostatite	1	0	0	0	1	20,0%
Piometra	0	0	0	1	1	20,0%
Pseudociese	0	1	0	0	1	20,0%
Mastite	0	1	0	0	1	20,0%
<b>Total</b>	<b>1</b>	<b>3</b>	<b>0</b>	<b>1</b>	<b>5</b>	<b>100%</b>

Fonte: O autor, 2021.

### 5.1.6. CASUÍSTICA DAS ENFERMIDADES DO SISTEMA URINÁRIO.

No que diz respeito as enfermidades do sistema urinário, não há uma enfermidade com maior frequência, pois houve apenas um caso de cada afecção, ficando assim com a casuística de 20% para cada afecção, como mostra a Tabela 11.

Tabela 11 - Casuística das enfermidades do trato urinário na Clínica Veterinária da Professora.

ENFERMIDADES DO SISTEMA URINÁRIO	CANINOS		FELINOS		TOTAL	FREQUÊNCIA
	M	F	M	F		
ITU*	1	0	0	0	1	20,0%
Nefrolitíase	0	0	1	0	1	20,0%
Urolitíase	0	1	0	0	1	20,0%
Ureterolitíase	0	1	0	0	1	20,0%
Injúria renal aguda	0	0	1	0	1	20,0%
<b>Total</b>	<b>1</b>	<b>2</b>	<b>2</b>	<b>0</b>	<b>5</b>	<b>100%</b>

Fonte: O autor, 2021.

\*ITU – Infecção do trato urinário inferior.

### 5.1.7. CASUÍSTICA DAS ENFERMIDADES ONCOLÓGICAS.

Quanto a casuística de enfermidades oncológicas, a mesma possui o linfoma multicêntrico como a afecção oncológica de maior frequência, com 40% das enfermidades oncológicas (Tabela 12).

Tabela 12 - Casuística das enfermidades oncológicas na Clínica Veterinária da Professora.

ENFERMIDADES ONCOLÓGICAS	CANINOS		FELINOS		TOTAL	FREQUÊNCIA
	M	F	M	F		
Linfoma multicêntrico	0	2	0	0	2	40,0%
Fibrossarcoma	0	0	1	0	1	20,0%
Sertolioma	1	0	0	0	1	20,0%
Neoplasia mamária	0	1	0	0	1	20,0%
<b>Total</b>	<b>1</b>	<b>3</b>	<b>1</b>	<b>0</b>	<b>5</b>	<b>100%</b>

Fonte: O autor, 2021.

### 5.1.8. CASUÍSTICA DAS ENFERMIDADES DO SISTEMA RESPIRATÓRIO.

Entre as enfermidades do sistema respiratório, o colapso de traqueia é a enfermidade mais frequente, com 40%, como ilustrado na Tabela 13.

Tabela 13 - Casuística das enfermidades do trato respiratório na Clínica Veterinária da Professora.

ENFERMIDADES DO SISTEMA RESPIRATÓRIO	CANINOS		FELINOS		TOTAL	FREQUÊNCIA
	M	F	M	F		
Colapso de traqueia	1	1	0	0	2	40,0%
Pneumonia	0	2	0	0	2	40,0%
Hipertensão pulmonar	0	1	0	0	1	20,0%
<b>Total</b>	<b>1</b>	<b>4</b>	<b>0</b>	<b>0</b>	<b>5</b>	<b>100%</b>

Fonte: O autor, 2021.

### 5.1.9. CASUÍSTICA DAS ENFERMIDADES ENDÓCRINAS.

As enfermidades endócrinas são compostas por dois casos de Diabetes *Melittus*, sendo ambos em cães fêmeas, representando a frequência de 66,7%, e um caso de hipotireoidismo, também em cão fêmea, com frequência de 33,3%.

### 5.1.10. CASUÍSTICA DAS ENFERMIDADES OFTÁLMICAS.

Sobre as enfermidades oftálmicas, são compostas por um caso de ceratoconjuntivite seca (CCS) em um cão macho, um caso de úlcera de córnea em cão macho e um caso de prolapso do globo ocular em cão fêmea. Cada uma das três afecções corresponde a 33,3% da casuística das enfermidades oftálmicas.

### 5.1.11. CASUÍSTICA DAS ENFERMIDADES CARDIOVASCULARES.

Com relação a casuística das enfermidades cardiovasculares, é composta por dois casos clínicos, sendo um caso de Degeneração Mixomatosa da Valva Mitral e um caso de Degeneração Mixomatosa Valvar Mitral e Tricúspide com quadro de hipertensão pulmonar, ambos em pacientes caninos fêmeas, cada um ficando responsável por 50% da casuística das enfermidades cardiovasculares.

### 5.1.12. CASUÍSTICA DAS ENFERMIDADES NEUROLÓGICAS.

Por fim, a casuística das enfermidades neurológicas possui apenas uma afecção, a epilepsia em cão macho, ficando essa responsável por 100% da casuística das enfermidades neurológicas.

### 5.2. CASUÍSTICA ACOMPANHADA NO HOSPITAL VETERINÁRIO DA POMPÉIA.

Foram acompanhados durante o estágio curricular no Hospital Veterinário da Pompéia, 69 pacientes no total, caninos e felinos, com a casuística maior em caninos (79,7%), como mostra a tabela abaixo (Tabela 14).

Tabela 14 – Total de casos acompanhados no Hospital Veterinário da Pompéia, dividido em espécie e sexo.

ESPÉCIE	MACHO	FÊMEA	TOTAL	FREQUÊNCIA
Canina	30	25	55	79,7%
Felina	9	5	14	20,3%
<b>Total</b>	<b>39</b>	<b>30</b>	<b>69</b>	<b>100%</b>

Fonte: O autor, 2021.

Entre os caninos e felinos, a maior casuística de raças foi sem raça definida (SRD), representando 25,4% dos cães e 78,6% dos gatos, assim demonstrado nas tabelas 15 e 16.

Tabela 15 – Casuística de raças caninas no Hospital Veterinário da Pompéia, de acordo com raça e frequência.

<b>RAÇAS CÃES</b>	<b>TOTAL</b>	<b>FREQUÊNCIA</b>
<b>SRD</b>	14	25,4%
<b>Shih-tzu</b>	8	14,5%
<b>Golden retriever</b>	5	9,1%
<b>Spitz alemão</b>	4	7,4%
<b>Yorkshire terrier</b>	4	7,4%
<b>Buldogue francês</b>	4	7,4%
<b>Maltês</b>	3	5,4%
<b>Lhasa apso</b>	2	3,6%
<b>Beagle</b>	2	3,6%
<b>Pug</b>	1	1,8%
<b>Dálmata</b>	1	1,8%
<b>Pinscher</b>	1	1,8%
<b>Chihuahua</b>	1	1,8%
<b>Labrador</b>	1	1,8%
<b>Schnauzer</b>	1	1,8%
<b>Cocker spaniel</b>	1	1,8%
<b>Jack russell terrier</b>	1	1,8%
<b>Shiba inu</b>	1	1,8%
<b>Total</b>	<b>55</b>	<b>100%</b>

Fonte: O autor, 2021.

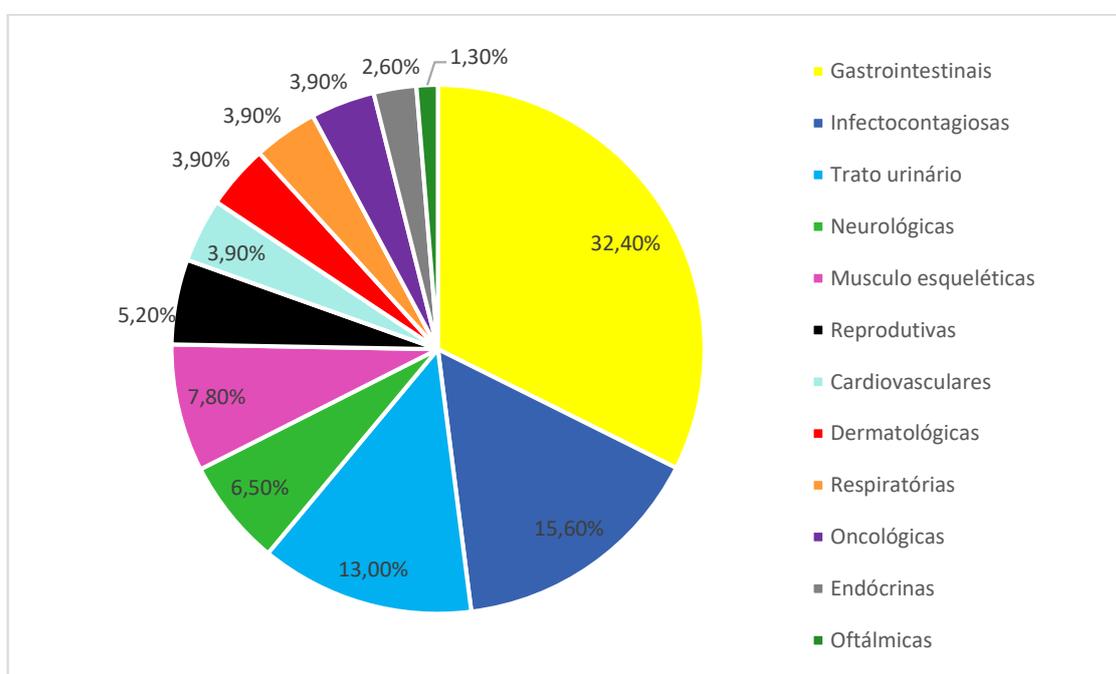
Tabela 16 – Casuística de raças de gatos acompanhados no Hospital Veterinário da Pompéia, de acordo com raça e frequência.

<b>RAÇAS GATOS</b>	<b>TOTAL</b>	<b>FREQUÊNCIA</b>
<b>SRD</b>	11	78,6%
<b>Persa</b>	2	14,3%
<b>Exótico</b>	1	7,1%
<b>Total</b>	<b>14</b>	<b>100%</b>

Fonte: O autor, 2021.

No período do estágio curricular realizado no Hospital Veterinário da Pompéia, foi possível acompanhar 77 enfermidades, que foram subdivididas em 12 sistemas, sendo eles enfermidades gastrointestinais (32,4%), infectocontagiosas (15,6%), sistema urinário (13%), músculo esqueléticas (7,8%), neurológicas (6,5%), reprodutivas (5,2%), cardiovasculares (3,9%), dermatológicas (3,9%), do sistema respiratório (3,9%), oncológicas (3,9%), endócrinas (2,6%) e oftálmicas (1,3%), representadas no Gráfico 2.

Gráfico 2 – Casuística total de enfermidades acompanhadas no Hospital Veterinário da Pompéia.



Fonte: O autor, 2021.

### 5.2.1. CASUÍSTICA DAS ENFERMIDADES GASTROINTESTINAIS.

Em relação as enfermidades gastrointestinais, a principal acompanhada foi gastroenterite, correspondendo a 40% dos casos gastrointestinais, como demonstrado na Tabela 17.

Tabela 17 – Casuística das enfermidades gastrointestinais no Hospital Veterinário da Pompéia.

ENFERMIDADES GASTROINTESTINAIS	CANINOS		FELINOS		TOTAL	FREQUÊNCIA
	M	F	M	F		
Gastroenterite	4	6	0	0	10	40,0%
Pancreatite	3	1	2	1	7	28,0%
CE gástrico*	1	1	0	0	2	8,0%
CE intestinal*	0	0	0	1	1	4,0%
Gastrite aguda	0	1	0	0	1	4,0%
DII*	0	1	0	0	1	4,0%
Esofagite	0	1	0	0	1	4,0%
Insuficiência hepática crônica	0	1	0	0	1	4,0%
Colecistite	0	1	0	0	1	4,0%
<b>Total</b>	<b>8</b>	<b>13</b>	<b>2</b>	<b>2</b>	<b>25</b>	<b>100%</b>

Fonte: O autor, 2021.

\*CE – Corpo estranho; DII – Doença inflamatória intestinal.

### 5.2.2. CASUÍSTICA DAS ENFERMIDADES INFECTOCONTAGIOSAS.

Em relação as enfermidades infectocontagiosas, a principal foi cinomose, correspondendo a 33,3% dos casos infectocontagiosos, como mostra a Tabela 18.

Tabela 18 – Casuística das enfermidades infectocontagiosas no Hospital Veterinário da Pompéia.

ENFERMIDADES INFECTOCONTAGIOSAS	CANINOS		FELINOS		TOTAL	FREQUÊNCIA
	M	F	M	F		
Cinomose	3	1	0	0	4	33,3%
Giardíase	2	1	0	0	3	25,0%
Parvovirose	2	0	0	0	2	16,7%
Erliquiose	1	1	0	0	2	16,7%
FIV*	0	0	0	1	1	8,3%
<b>Total</b>	<b>8</b>	<b>3</b>	<b>0</b>	<b>1</b>	<b>12</b>	<b>100%</b>

Fonte: O autor, 2021.

\*FIV – Imunodeficiência Viral Felina.

### 5.2.3. CASUÍSTICA DAS ENFERMIDADES DO SISTEMA URINÁRIO.

A principal enfermidade do sistema urinário acompanhada foi a doença renal crônica (DRC), representando 70%, como mostra a Tabela 19.

Tabela 19 – Casuística das enfermidades do sistema urinário no Hospital Veterinário da Pompéia.

ENFERMIDADES DO SISTEMA URINÁRIO	CANINOS		FELINOS		TOTAL	FREQUÊNCIA
	M	F	M	F		
DRC*	3	0	2	2	7	70,0%
Obstrução uretral	2	0	1	0	3	30,0%
<b>Total</b>	<b>5</b>	<b>0</b>	<b>3</b>	<b>2</b>	<b>10</b>	<b>100%</b>

Fonte: O autor, 2021.

\*DRC – Doença renal crônica.

#### 5.2.4. CASUÍSTICA DAS ENFERMIDADES MÚSCULO ESQUELÉTICAS.

A maior frequência entre a casuística das enfermidades músculo esqueléticas foi de 33,6%, correspondente a displasia coxofemoral (Tabela 20).

Tabela 20 – Casuística das enfermidades músculo esqueléticas no Hospital Veterinário da Pompéia.

ENFERMIDADES MÚSCULO ESQUELÉTICAS	CANINOS		FELINOS		TOTAL	FREQUÊNCIA
	M	F	M	F		
Displasia coxofemoral	2	0	0	0	2	33,6%
Fratura em pelve	0	0	1	0	1	16,6%
Fratura em crânio	0	0	1	0	1	16,6%
Fratura em MPE*	0	0	0	1	1	16,6%
Ruptura de ligamento cruzado em MPD*	0	1	0	0	1	16,6%
<b>Total</b>	<b>2</b>	<b>1</b>	<b>2</b>	<b>1</b>	<b>6</b>	<b>100%</b>

Fonte: O autor, 2021.

\*MPE – Membro pélvico esquerdo; MPD – Membro pélvico direito.

#### 5.2.6. CASUÍSTICA DAS ENFERMIDADES NEUROLÓGICAS.

Sobre as enfermidades neurológicas, a frequência foi a mesma nos casos de epilepsia e doença do disco intervertebral (DDIV), cada uma representando 40% da casuística (Tabela 21).

Tabela 21 – Casuística das enfermidades neurológicas no Hospital Veterinário da Pompéia.

ENFERMIDADES NEUROLÓGICAS	CANINOS		FELINOS		TOTAL	FREQUÊNCIA
	M	F	M	F		
Epilepsia	1	1	0	0	2	40,0%
DDIV*	0	2	0	0	2	40,0%
Síndrome vestibular periférica	0	1	0	0	1	20,0%
<b>Total</b>	<b>1</b>	<b>4</b>	<b>0</b>	<b>0</b>	<b>5</b>	<b>100%</b>

Fonte: O autor, 2021.

\*DDIV - Doença do Disco Intervertebral

#### 5.2.4. CASUÍSTICA DAS ENFERMIDADES REPRODUTIVAS.

Entre a casuística das enfermidades reprodutivas, a única enfermidade foi piometra, composta por quatro casos em caninos fêmeas, representando 100% da frequência.

#### 5.2.7. CASUÍSTICA DAS ENFERMIDADES CARDIOVASCULARES.

No que se refere a casuística das enfermidades cardiovasculares presentes no Hospital Veterinário da Pompéia, temos três afecções, sendo elas degeneração mixomatosa da valva mitral, degeneração mixomatosa das valvas mitral e tricúspide e cardiomiopatia dilatada. Por aparecerem apenas uma vez, cada afecção corresponde a 33,3% da casuística.

A degeneração mixomatosa das valvas mitral e tricúspide estava presente em um cão, macho, com apenas 1 ano de idade. A cardiomiopatia dilatada estava acometendo um cão, macho, com 7 anos de idade. E degeneração mixomatosa da valva mitral se encontrava em cão, fêmea, de 11 anos de idade.

#### 5.2.8. CASUÍSTICA DAS ENFERMIDADES DERMATOLÓGICAS.

Quanto a casuística das enfermidades dermatológicas, foi possível acompanhar três afecções durante o estágio curricular no Hospital Veterinário da Pompéia, sendo essas a hipersensibilidade alimentar que acometia um canino, macho, com 2 anos; a dermatite alérgica de contato (DC) em um canino, macho,

com 9 anos; e a dermatite atópica, que estava presente em um canino, fêmea, de 3 anos. Cada uma das três afecções corresponde a 33,3% da casuística.

#### 5.2.9. CASUÍSTICA DAS ENFERMIDADES RESPIRATÓRIAS.

A casuística das enfermidades respiratórias acompanhadas no Hospital Veterinário da Pompéia, é composta por três casos de pneumonia bacteriana, representando assim 100% da casuística. Os casos eram todos em caninos e machos, com idades de seis meses, um ano e 12 anos.

#### 5.2.10. CASUÍSTICA DAS ENFERMIDADES ONCOLÓGICAS.

As enfermidades oncológicas são compostas por três doenças, um caso de linfoma multicêntrico em um felino, macho, com sete anos de idade; um caso de neoplasia uretral em canino, fêmea, com 14 anos de idade; e um caso de sarcoma em felino, macho, de sete anos de idade, cada um representando 33,3% da casuística.

#### 5.2.11. CASUÍSTICA DAS ENFERMIDADES ENDÓCRINAS.

A respeito da casuística das enfermidades endócrinas do Hospital Veterinário da Pompéia, foi possível acompanhar dois casos, cada um com 50% da casuística. O primeiro caso foi de Diabetes *Mellitus* em felino, macho, com sete anos de idade, o segundo caso foi de hipoadrenocorticismismo em canino, macho, com um ano de idade.

#### 5.2.12. CASUÍSTICA DAS ENFERMIDADES OFTÁLMICAS.

Quanto a casuísticas das enfermidades oftálmicas presentes no Hospital Veterinário da Pompéia, foi acompanhado um caso de entrópio em canino, fêmea, com dez meses de idade, por ser a única afecção presente na casuística, a mesma corresponde a 100%.

## 6. RELATO DE CASO

Em seguida, será relatado um caso clínico intitulado de “Hipotireoidismo com malasseziose secundária”, que foi um caso de grande interesse, acompanhado durante o estágio curricular na Clínica Veterinária da Professora.

### 6.1. HIPOTIREOIDISMO COM MALASSEZIOSE SECUNDÁRIA.

#### 6.1.1. Revisão de literatura.

O hipotireoidismo é considerado uma endocrinopatia comum em cães e rara em gatos, sendo mais prevalente em cães com sete anos ou mais, sem distinção quanto ao sexo (FELDMAN e NELSON, 2004; PÖPPL *et al*, 2016), e acomete mais cães das raças Doberman, Poodle, Pinscher, Golden Retriever, Boxer, Schnauzer e Cocker Spaniel (TILLEY e SMITH, 2011; JERICÓ, 2015).

A glândula tireoide é dividida em dois lobos localizados lateralmente aos anéis traqueais, e é responsável pela produção de dois hormônios tireoidianos ativos, a tiroxina (T4) e a tri-iodotironina (T3) (PETERSON e MOONEY, 2015; SIQUEIRA, *et al.*, 2015). A produção hormonal é controlada pelo hormônio estimulante da tireoide (TSH) na glândula pituitária, que, por sua vez, é controlado pelo hormônio liberador de tirotropina (TRH) no hipotálamo (CRUZ e MANOEL, 2015). O hipotireoidismo ocorre devido a menor produção de T4 e T3, que pode ser causada por uma anormalidade em qualquer parte do eixo tireoide-pituitária-hipotalâmico (PETERSON e MOONEY, 2015; FELDMAN e NELSON, 2004).

O hipotireoidismo pode ser dividido em hipotireoidismo primário, secundário e terciário (CAMPOS, 2004; NELSON, 2015). No hipotireoidismo primário, pode ocorrer tireoidite linfocítica, uma doença autoimune ou atrofia idiopática da tireoide, ambos podendo levar à degeneração dos folículos e substituição do tecido glandular por tecido fibroso (FELDMAN e NELSON, 2004; BICHARD e SHERDING, 2008; PORTO, *et al.*, 2008). No hipotireoidismo secundário ocorre redução da produção do TSH e secundariamente dos hormônios tireoidianos por causas congênitas ou supressão hipofisária por administração de fármacos como glicocorticoides (CRUZ

e MANOEL, 2015). Por fim, o hipotireoidismo terciário, é raro e pode ser causado por deficiência na produção de TRH pelo hipotálamo por defeitos congênitos, destruição hipotalâmica ou disormonogênese (TILLEY e SMITH, 2011; CRUZ e MANOEL, 2015).

Os sinais clínicos estão relacionados com redução do metabolismo geral, causando letargia, ganho de peso, intolerância a exercícios (TILLEY e SMITH, 2011; ARAUJO, et al., 2018), intolerância ao frio devido à dificuldade de manter a temperatura corporal constante, perda de pelos, piodermite, hiperpigmentação da pele, pelagem fina, seca e quebradiça, cauda sem pelos com característica de “rabo de rato” (CAMPOS, 2004; FELDMAN e NELSON, 2004; DE MARCO, et al., 2012), fraqueza, bradicardia, baixa contratilidade do miocárdio, doença vestibular central, diminuição da fertilidade, menor produção de lágrimas, lipidose corneal, entre outras alterações secundárias à diminuição no metabolismo em virtude da falta de hormônios tireoidianos circulantes, sendo o coma mixedematoso, a apresentação mais grave do hipotireoidismo avançado, provocando graves alterações na consciência, como coma ou estupor (DEWEY, 2006).

A falta de hormônios tireoidianos diminuirá a função das células T e a imunidade humoral, fazendo com que a pele fique mais suscetível a infecções, sendo comum casos onde há infecções secundárias por demodicose generalizada e *Malassezia spp* (FELDMAN e NELSON, 2004; MONCRIEFF e YORAN, 2008). Embora as condições dermatológicas primárias não sejam pruriginosas, o prurido pode acompanhar infecções parasitárias, leveduriformes ou bacterianas secundárias, cujas alterações crônicas na pele podem resultar em espessamento e hiperpigmentação (PETERSON e MOONEY, 2015; NELSON, 2015).

O diagnóstico do hipotireoidismo é baseado nos sinais clínicos e na mensuração dos hormônios tireoidianos, podendo ser através da mensuração de T4 total, T4 livre, nível de TSH endógeno, anticorpos antitireoglobulina, teste de estimulação com TSH, T3 Total, T3 reversa e T3 Livre, sendo que os mais usados são T4 livre, nível de TSH endógeno e estimulação com TSH (TILLEY e SMITH, 2011).

O exame de T4 livre possui alta sensibilidade, pode ser realizado por radioimunoensaio, técnica modificada de diálise de equilíbrio ou ultrafiltração (CRUZ e MANOEL, 2015), e mensura apenas a porção metabolicamente ativa do nível de T4 total. Como resultado, cães com hipotireoidismo apresentam um nível baixo de T4 livre, sendo um resultado mais fidedigno pois doenças concomitantes exercem menos efeito sobre o nível de T4 livre, em comparação ao nível de T4 total (TILLEY e SMITH, 2011; CHAVES, et al., 2016).

A mensuração do TSH endógeno tem alta especificidade e baixa sensibilidade, sendo mais bem utilizado como teste confirmatório e não como teste de triagem, sendo que a dosagem de TSH deve ser analisada com T4 total ou T4 livre, de modo a aumentar a acurácia do diagnóstico (CRUZ e MANOEL, 2015). Como resultado, animais hipotireóideos apresentam o nível de TSH elevado (PÖPPL, et al., 2016).

O teste de estimulação com TSH é considerado como a técnica padrão de excelência para o diagnóstico de hipotireoidismo, pois estimula a atividade da tireoide mediante estímulo pelo TSH exógeno, sendo capaz de diferenciar o hipotireóideo do eutireóideo nos casos de baixa concentração hormonal no soro do paciente (FELDMAN e NELSON, 2004), mas devido ao alto custo do TSH, a dificuldade na sua obtenção e a possibilidade de reações indesejáveis no animal durante o procedimento, é improvável que esse teste se torne uma rotina (BICHARD e SHERDING, 2008; MONCRIEFF e YORAN, 2008).

O tratamento consiste na reposição dos hormônios tireoidianos, sendo a levotiroxina sódica sintética o medicamento de escolha, com doses variando de 18 a 22 mcg/kg a cada 12 ou 24 horas, conforme avaliação da resposta terapêutica (CAMPOS, 2004; DE MARCO., et al, 2012; CRUZ e MANOEL, 2015). Em geral a resposta clínica à terapia com dose única diária é excelente, visto que se obtém concentração máxima adequada de hormônio circulante, e esta abordagem melhora a cooperação do proprietário, além de ser de menor custo a longo prazo (PETERSON e MOONEY, 2015). Além disso é importante o tratamento de comorbidades concomitantes, principalmente piodermites secundárias para melhor

controle dos sinais no início do tratamento (PORTO, et al., 2008). Em geral o prognóstico do hipotireoidismo em cães é bom (SIQUEIRA, et al., 2015).

#### 6.1.2. Relato de caso

Foi atendido na Clínica Veterinária da Professora, um cão, fêmea, não castrada, SRD, de nove anos de idade, pesando 12 kg, com queixa principal de prurido intenso e lesões em pele há aproximadamente um ano, realizando tratamento anterior com xampu antifúngico e antibacteriano, mas sem resposta clínica.

Durante o exame físico, a paciente apresentou parâmetros vitais dentro da normalidade, chamando atenção para valores de frequência cardíaca e temperatura retal próximos do limite inferior para a espécie (55bpm e 37°C, respectivamente). Durante a inspeção, a paciente demonstrou prurido intenso nota oito, rarefação pilosa generalizada, áreas de alopecia, hiperpigmentação, lignificação e hiperqueratose nas regiões dorsal, ventral inguinal, membros pélvicos e torácicos, além de lesão crostosa localizada na região dorsal (Figura 11). À palpação, a pele apresentava aspecto oleoso e odor característico de ranço, caracterizando seborreia oleosa.

Figura 11 – Lesões dermatológicas do paciente, (A) Região dorsal, (B) Membro torácico direito.



Fonte: Arquivo pessoal, 2021.

Diante dos achados de exame físico, os principais diferenciais foram malasseziose, dermatofitose, dermatite trofoalérgica, escabiose canina e foliculite. Para o diagnóstico, foi realizado o exame citológico da pele através de coleta do material da lesão crostosa presente no dorso da paciente com um *swab*, que, ao ser corado com coloração de Panótico e observado no microscópio óptico, foi possível constatar a presença de células com formato oval, na intensidade de mais de cinco cruzes por campo, em grupos e de coloração arroxeada intensa, compatíveis com células do fungo *Malassezia pachydermatis* (Figura 12).

Figura 12 – Visualização em microscópio óptico de células compatíveis com o fungo *Malassezia pachydermatis*, demonstradas pela seta vermelha



Fonte: Arquivo pessoal, 2021.

O protocolo terapêutico foi instituído com administração de prednisolona 0,5mg/kg, BID, VO, durante cinco dias, amoxicilina com clavulanato de potássio 20mg/kg, SID, VO durante cinco dias, itraconazol 5mg/kg, SID, VO, durante 30 dias e banhos com xampu a base de clorexidina com miconazol, duas vezes por semana, durante quatro semanas para controle do fungo.

Após 30 dias a paciente retornou com queixa de ganho de peso e pouca melhora das lesões cutâneas, apresentando novamente parâmetros vitais com os limites inferiores para a espécie. Devido ao quadro dermatológico, ao exame físico e a queixa de ganho de peso, suspeitou-se de hipotireoidismo.

Para comprovar a suspeita clínica, foi realizada mensuração sérica de T4 livre e TSH, utilizando-se o soro sanguíneo, através do método de quimioluminescência. Os resultados foram T4 livre de 0,26 ng/dL e TSH de 1,11 ng/mL, sendo que os padrões de referência para a espécie são de 0,60 – 3,00 ng/dL para T4, e de 0,10 – 0,60 ng/mL para TSH, concluindo desta forma o diagnóstico de hipotireoidismo.

Para o tratamento, foi prescrito levotiroxina sódica na dose de 6mcg/kg, SID, VO durante cinco dias, e após esse período, mudar para 6mcg/kg, BID, VO até novas recomendações.

Após três meses, foi possível visualizar melhora satisfatória na pele do paciente, não havendo mais a presença da lesão crostosa no dorso, com crescimento de novos pelos, houve perda de peso e a mesma apresentava-se mais ativa (Figura 13). Porém, a rarefação pilosa e as lesões em membro pélvicos e torácicos ainda permaneciam, sendo prescrito o aumento da dose de levotiroxina para 8mcg/kg, BID, VO até novas recomendações, e uso de xampu antibacteriano e antisseborreico, duas vezes por semana durante quatro semanas, e posteriormente, uma vez por semana até a melhora completa.

Figura 13 – Região dorsal do paciente, com melhora no aspecto dermatológico.



Fonte: Arquivo pessoal, 2021.

No período da última consulta até o momento final do estágio curricular, os resultados para ambos os tratamentos foram satisfatórios e a paciente vem apresentando melhora dos sinais clínicos.

### 6.1.3. Discussão

O hipotireoidismo acomete mais cães idosos, a partir de sete anos de idade, igualmente em machos e fêmeas (FELDMAN e NELSON, 2004), assim como apresentado no relato, onde o paciente era canino, fêmea e possuía nove anos.

Ao classificarmos a enfermidade segundo sua fisiopatologia, temos o hipotireoidismo primário, secundário e terciário (CAMPOS, 2004). Classificando o caso relatado, vemos que a paciente poderia se encaixar no hipotireoidismo primário, visto que é o que acomete os cães com maior frequência, e os exames diagnósticos confirmaram a diminuição da produção dos hormônios circulantes, justificando a necessidade de suplementação hormonal neste paciente (FREITAS, 2009).

Os sinais clínicos inespecíficos relatados, como ganho de peso, temperatura retal e frequência cardíaca próximas ao limite inferior, alterações dermatológicas como rarefação pilosa com áreas de alopecia, hiperpigmentação e seborreia, fazem parte dos sinais clínicos presentes em animais com hipotireoidismo, relacionados com a redução do metabolismo de forma geral (ARAUJO, et al., 2018). Além do hipotireoidismo, a paciente também apresentava malasseziose, que é uma dermatopatia fúngica que ocorre geralmente secundária à outras patologias, sendo o hipotireoidismo a causa associada neste caso devido à queda na imunidade do animal, que levou a redução da barreira de imunidade cutânea, ficando assim mais suscetível a infecções (FELDMAN e NELSON, 2004; MONCRIEFF e YORAN, 2008), onde a *Malassezia sp.* encontra o ambiente propício para se multiplicar e causar os sinais clínicos dermatológicos (SIQUEIRA, et al., 2015).

Para o correto diagnóstico, é necessário associar os sinais clínicos com os exames complementares e testes laboratoriais (FREITAS, 2009), escolhendo o teste que melhor se encaixe na rotina da clínica veterinária e com os sinais clínicos do paciente, mas que traga resultados fidedignos. No presente relato, os testes laboratoriais escolhidos foram dosagem de T4 livre e dosagem de TSH endógeno, através do método de quimioluminescência. No teste de T4 livre, o animal hipotireóideo apresenta resultados abaixo da referência (TILLEY e SMITH, 2011),

assim como aconteceu no relato, com resultado de 0,26 ng/dL (referência de 0,60 – 3,00 ng/dL). No teste de TSH endógeno, usado como teste confirmatório, o animal com hipotireoidismo apresenta resultados elevados de TSH (CRUZ e MANOEL, 2015), assim como os resultados do paciente relatado, que foram de 1,11 ng/mL (referência 0,10 – 0,60 ng/mL).

O tratamento de escolha é reposição hormonal com levotiroxina sódica sintética (SIQUEIRA, et al., 2015), sendo o mesmo usado para a paciente do relato após a confirmação da patogenia. A dose usada foi de 6 mcg/kg, SID, VO durante cinco dias, alterando para 6 mcg/kg BID, VO, e alterando novamente no retorno da paciente para 8 mcg/kg BID, VO, sendo as doses prescritas abaixo da dose recomendada pela literatura, que diz para administrar 20 a 22 mcg/kg SID (PETERSON e MOONEY, 2015) ou 20 mcg/kg BID (TILLEY e SMITH, 2011), sempre ajustando conforme a necessidade do animal (DE MARCO, et al., 2012), e as mesmas foram mais baixas para que houvesse uma margem de variação na dose caso a mais baixa não atingisse o efeito desejado.

Com a melhora da paciente entre a consulta inicial e o retorno, foi possível concluir a eficácia do tratamento, tanto para o hipotireoidismo quanto para a malasseziose secundária, justificando a necessidade da inclusão do hipotireoidismo como diagnóstico diferencial importante para pacientes com sinais clínicos dermatológicos associados a outros sinais sistêmicos, destacando a importância da realização de diagnósticos mais precoces para se obter resultados terapêuticos favoráveis (CHAVES, et al., 2016).

## **7. CONSIDERAÇÕES FINAIS**

O período do estágio curricular é de grande aprendizado, tanto acadêmico quanto pessoal, pois coloca o estagiário em contato direto com a rotina do mercado de trabalho, com diversas situações, com outros médicos veterinários, internos e estagiários, fazendo com que o mesmo tenha um maior conhecimento prático da medicina veterinária e da sua rotina após a graduação.

A escolha dos locais de estágio foi feita com base na casuística, infraestrutura e qualidade de atendimento de cada um dos locais, sendo de grande aproveitamento e contribuição para o conhecimento prático e teórico, concluindo assim os objetivos do estágio curricular supervisionado obrigatório.

## 8. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ARAUJO, S. F.; MARCHI, P. N.; XAVIER, F. A. F.; DUTRA, M. S.; FREITAS, M. M.; EVANGELISTA, J. S. A. M. Acompanhamento clínico-laboratorial de obesidade associada ao hipotireoidismo em cão. **Ciência Animal**, v.28, n.3, p.106-115, 2018.

BICHARD, S. J.; SHERDING, R. G. **Manual Saunders. Clínica de Pequenos Animais**. São Paulo: Roca, 2008. p. 235-242.

CAMPOS, M. A. **Hipotireoidismo em cães**. Trabalho de Graduação (Bacharelado em Medicina Veterinária) - Faculdade de Ciências Biológicas e da Saúde da Universidade Tuiuti do Paraná, Curitiba, 2004.

CHAVES, R. O.; COPAR, B.; FERANTI, J. P. S.; FERRARIN, D. A.; SCHWAB, M. L.; SCHNEIDER, L.; FRANÇA, R. T.; MAZZANTI, A. Paralisia facial secundária a hipotireoidismo em cão. **Acta Scientiae Veterinariae**, Santa Maria, v. 44, n. 150, 2016.

CRUZ, F. G. B.; MANOEL, F. M. T. Hipotireoidismo canino. *In*: JERICÓ, M. M.; NETO, J. P. A.; KOGYKA, M. M. **Tratado de medicina interna de cães e gatos**, 1ª ed. Rio de Janeiro: Roca, 2015.

DE MARCO, V.; SILVA, R. M.T.; KARAMM, M.A.; FLORIO, J.C.; LORIGRADOS, A.B. Avaliação terapêutica e posológica da levotiroxina sódica em cães com hipotireoidismo primário adquirido. **Pesquisa Veterinária Brasileira**, v.32, n.10, p.1030-1036, 2012.

DEWEY, W. C. **Neurologia de cães e gatos: guia prático**. São Paulo: Roca, 2006.

FELDMAN, E. C.; NELSON, R. W. **Endocrinologia e Reprodução Canina e Felina**, 3ª ed. Philadelphia: Saunders, 2004. p. 86-149.

FINORA, K. Hipotireoidismo. *In*: TILLEY, L. P.; SMITH, F. W. K. **Consulta veterinária em cinco minutos – Espécies canina e felina**, 5ª ed. Barueri: Manole, 2011. p. 711-713.

FREITAS, M. A. **Hipotireoidismo em cães: Aspectos gerais**. Trabalho de Graduação (Bacharelado em Medicina Veterinária) - Faculdade de Medicina Veterinária e Zootecnia da Universidade “Júlio de Mesquita Filho” UNESP, Botucatu, 2009.

MONCRIEFF, J. C. R.; YORAN, L. Hipotireoidismo. *In*: ETTINGER, S. J.; FELDMAN, E. C. **Tratado de medicina interna veterinária: doenças do cão e do gato**. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2008. p. 1496-1506.

MONTANHA, F. P.; LOPES, A. P. S. Hipotireoidismo canino – revisão. **Revista Científica Eletrônica de Medicina Veterinária**, Garça, v. IX, n. 17, 2011.

NELSON, R.W. Distúrbios da glândula tireoide. *In*: NELSON, R. W.; COUTO, C. G. **Medicina interna de pequenos animais**. 5ª ed. Rio de Janeiro: GEN Guanabara Koogan, 2015. cap.51, p.740-757.

PETERSON, M. E.; MOONEY, C. T. **Manual de endocrinologia em cães e gatos**, 4ª ed. São Paulo: Roca, 2015. p 106-135.

PÖPPL, A. G.; COELHO, I. C.; SILVEIRA, C. A.; MORESCO, M. B.; CARVALHO, G. L. C. Frequency of Endocrinopathies and Characteristics of Affected Dogs and Cats in Southern Brazil (2004-2014). **Acta Scientiae Veterinariae**, Porto Alegre, v. 44, n. 1379, 2016.

PORTO, R. N. G.; MOURA, V. M. B. D.; SANTIN, A. P. I.; ALVES, C. E. F.; SALES, T. P.; MATOS, M. P. C.; MIGUEL, M. P.; BRITO, L. A. B. Tireoidite linfocítica canina em um Bull terrier. **Acta Scientiae Veterinariae**, Goiânia, v. 36, p. 285-288, 2008.

SIQUEIRA, T. V.; SOUZA, G. P. A. R.; MENDES, A. R.; REIS, G. F. M. Hipotireoidismo canino – revisão de literatura. **Revista científica eletrônica de medicina veterinária**, Garça, V. XIII, n. 25, 2015.